

QUANDO OLHAMOS AO NOSSO REDOR, PERCEBEMOS QUE NOS RODEAMOS FREQUENTEMENTE DE OBJETOS, UTILITÁRIOS OU DECORATIVOS, PRODUZIDOS POR PESSOAS DO POVO. SÃO OBJETOS RESULTANTES DE NOSSAS TRADIÇÕES, QUE EXPLORAM MATÉRIAS-PRIMAS AS MAIS DIVERSAS E NOS MOSTRAM SOLUÇÕES ENGENHOSAS. ALOÍSIO MAGALHÃES (1927-1982) QUANDO COORDENADOR DO CNRC (CENTRO NACIONAL DE REFERÊNCIA CULTURAL) E MAIS TARDE COMO SECRETÁRIO DE CULTURA, DEDICOU-SE À PRESERVAÇÃO DOS BENS CULTURAIS E À VALORIZAÇÃO DO ARTESANATO POPULAR. SEGUNDO PALAVRAS DE CLARA DE ANDRADE ALVIM¹, SEU BRAÇO DIREITO NO CNRC, *"ELE NÃO ERA ABSOLUTAMENTE CONTRA A INDÚSTRIA, MAS ELE ACHAVA QUE A INDÚSTRIA NÃO DEVERIA ARREBENTAR COM OS SABERES POPULARES, MAS QUE DEVERIA DECORRER DESSES SABERES"*.

Arte, Design, artesanato e Aloísio Magalhães

por Isis Fernandes Braga

Professora do Curso de Desenho Industrial da Escola de Belas Artes/ UFRJ. Doutoranda no PPGAV/EBA, linha de pesquisa Estudos da Imagem e das Representações Culturais

Aqui enfoco brevemente a discussão dos conceitos de arte, Design e artesanato, da forma como foram abordados pelo designer, artista, e produtor cultural brasileiro, Aloísio Magalhães. Ele era apaixonado e entusiasmado com a questão do artista popular.

Aloísio Magalhães é, para nós que trabalhamos com a imagem e o Design, o nome de referência mais respeitado até hoje. Pintor consagrado, com participações nas Bienais de São Paulo, de Veneza e exposições no exterior, tudo abandonou pelo Design. Segundo sua viúva Solange, ele dizia que

praticando o Design, ele atingiria um público muito maior, atingiria o povo.

Ele foi um dos criadores do moderno Design no Brasil, autor de inovações em Design Gráfico e atuou na criação da primeira escola superior de design no país, a ESDI (Escola Superior de Desenho Industrial), atualmente pertencente à Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

O que muitos de nós não sabemos é a sua posição e atuação em relação ao artesanato e as medidas por ele tomadas quando Secretário de Cultura: Aloísio Magalhães empenhou-se pela inserção do artesanato

em uma categoria que pudesse ser cotejada de par a par com a arte e o Design. Desse ponto de vista, o artesão é um designer em sua forma mais pura, conforme afirmativa do nosso principal designer. A inventividade e a praticidade do homem simples brasileiro, que Aloísio Magalhães dizia ser o seu grande atributo está, segundo ele, presente em aplicações de objetos de uso cotidiano, como foi feito nos bulbos de lâmpadas elétricas. No livro *E Triunfo?*, que reúne textos de discursos de Aloísio, ele assim os cita:

"Há um que particularmente me encanta pelo seu sentido poético e, até mesmo, de amor, que são aquelas lâmpadas de querosene que são usadas pelo homem brasileiro na região em que ainda hoje não chegou a eletricidade, e eles usam o bulbo da lâmpada elétrica como depósito de querosene. A meu ver, o conteúdo, a invenção e graça deste objeto é extraordinário. E de humor, quer dizer, já que eu não tenho luz elétrica, fisicamente, altero, transformo ele para uma lâmpada, também lâmpada, com outro tipo de tecnologia. Ela recua no tempo, ela mesma, e serve outra vez como lâmpada."

Em outro lugar, no mesmo livro, encontra-se o que se segue³:

"Na realidade eu penso que, dentro do conceito clássico e

ortodoxo, não existe propriamente artesanato no Brasil. O que parece existir é uma disponibilidade imensa para o fazer, para a criação dos objetos. Parece-me que no caso brasileiro nós poderíamos dizer que toda a atividade com as características do artesanato, ou seja, relação muito direta entre idéia e concretização, pequena intermediação entre a idéia e o objeto final, são formas iniciais de uma atividade que quer entrar na trajetória do tempo. Quer evoluir na direção de maior complexidade e de resultados mais efetivos. (...) É possível até ir-se mais adiante e dizer que esta evolução na direção de uma maior complexidade, de uma maior elaboração, caracterizada por um alto índice de invenção, como sendo uma atitude de pré-design. Em outras palavras, o artesão brasileiro é basicamente um designer em potencial, muito mais do que propriamente um artesão no sentido clássico."

A idéia de percorrer ou fazer com que o Brasil valorizasse os conhecimentos do povo e referenciá-los norteou o trabalho do CNRC. Aloísio Magalhães recuava à origem do Design desde quando ele não era ainda chamado Design, mas simplesmente constituía um ato criador. Para ele, também, o fato de se partir de algum objeto já existente era perfeitamente aceitável. Nada parte do nada, e tudo sai de alguma idéia, de alguma imagem vista aqui e ali, e transformada pela inventividade do homem do povo. Assim, para Aloísio, o artesanato teria um papel muito importante na própria geração de tecnologia e de Design. Os designers e artistas gráficos não deveriam desprezar os exemplos do fazer do homem simples, seja das regiões interioranas ou o urbano. Suas soluções práticas poderão influenciar um Design nacional, delineando um *ethos*, no dizer de Geertz⁴, como sinônimo de tom, alma.



fotos Isis Braga

Lamparinas construídas de latas. Origem: "Feira dos Paraibas"

Silvia Coimbra, autora do livro "O reinado da lua"⁵ e dona da loja Nega Fulô (que marcou época em Pernambuco, não só por expor o artesanato mas também pelos cursos que ali eram ministrados por designers e professores) refere-se a Aloísio desta forma⁶:

"Eu via em Aloísio o fundamental, que era uma pessoa de uma simplicidade e um olhar, uma sensibilidade capaz de captar as grandezas que estavam ao redor dele, muitas vezes nas condições mais difíceis que impediam o acesso, como ainda acontece hoje com tantos. Então, entre eles tinha o Seu Euclides, aquela pessoa que apreciava tanto, tinha sua cadeiras na casa dele, estimulava amigos. Quando a Carmen Portinho esteve aqui, ele me pediu para ir com Carmen na casa de Seu Euclides e ela também ficou muito entusiasmada. Carmen Portinho, ouvi ela dizer que era o melhor desenho popular de cadeiras que ela conheceu. Pois é. Seu Euclides continuou a produção que a mãe já fazia, acho que a avó com a tia e mãe dele também, dessas cadeiras. Ele inclusive conta(...) Mas então, as duas primeiras cadeiras que ele fez, assim contente, numa produção que a mãe fazendo, a avó fazendo, e ele resolveu fazer a dele e foi vender na feira. Ai uma mulher comprou uma cadeira. Ele saiu contentíssimo. Primeiro dinheiro que ele ganhava por um trabalho dele! Mas aí, quando ele deu uns passos, a moça chamou. Ele voltou todo contente achando que ela queria outra cadeira. Ai ela disse: "Menino safado, pega essa porcaria, que eu não quero isso, e me dê meu dinheiro". Porque ela, depois que saiu, ela deu uns passos e achou que a cadeira não era bem feita. Ele disse que chorou. Foi para casa e disse: "Vou fazer essa cadeira". E a partir daí ele começou a produção (...). Então fica a pessoa fazendo por conta própria... Ele ainda faz até hoje. Ele tem 70 anos. E só se encontra lá na casa dele. "



Cadeira de boneca; autor Sr.Euclides



Detalhe da amarração dos pés e encosto

fotos Isis Braga

As interfaces entre estes dois fazeres são importantes e devem ser levadas em conta pois se mostram como alternativas e nelas acham-se embutidas as probabilidades de resoluções do estado de crise que tanto caracteriza o Brasil. O designer não deve se fechar em regras e programas fechados, mas sim, manter os olhos bem abertos e extrair do seu ambiente novas idéias e soluções.

Ao participar da criação da ESDI, Aloísio Magalhães⁷ "usa um conceito ampliado de arte, que incluía até mesmo a arte popular".

A própria história do Design está intimamente ligada à arte, como se pode ver na Bauhaus, quando artistas como Kandinski, Klee, Albers, Moholy-Nagy, foram contratados para ensinar aos alunos de Design. A Bauhaus, escola de fins revolucionários para a época, integrava o ensino do Design com o artesanato através de oficinas de tecelagem, marcenaria, metal, tipografia e com as artes através da música, do teatro, e da literatura. Data já desta época a crise de identidade do Design, como arte ou técnica, ou ambas integradas, como queria da filosofia da Bauhaus. Esta interface arte, Design, arte popular foi meta de Aloísio Magalhães. Para ele, tudo sinalizava para uma política cultural que levasse a se conhecer o Brasil como um todo, identificando seus

múltiplos referenciais culturais em sua heterogeneidade, sempre buscando a visão de conjunto. Ele reconhecia ser muito difícil esta tarefa, devido à vastidão de nosso território e ser a nossa realidade desconhecida em um todo.

Depois da experiência à frente do CNRC Centro Nacional de Referência Cultural), ele é nomeado diretor do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Sua atuação à frente do mesmo permitiu-lhe a execução dessas mudanças que ele julgava necessárias, sempre mantendo a coerência que lhe era peculiar. Ele unia teoria e prática, personalidade e objetividade. Administrando a política cultural do Brasil ele passou a viajar, estudar, apoiar, descobrir, e descentralizar. Contatos pessoais eram mais bem vindos que relatórios. Esteve em Missões, em Ouro Preto, em Cachoeiro do Itapemirim, em Orléans⁸, em São Paulo, em Recife, em Triunfo. Tombando lugares esquecidos de outras administrações, tombando não só lugares, mas também métodos, tradições, até mesmo instituições religiosas que, ele considerava, faziam parte do nosso legado cultural.

Este ano completam-se 21 anos da morte de Aloísio Magalhães. As instituições continuam aí. Algumas mudaram de nome. Surgiram as ONGs,

ativas em muitos domínios antes só de competência de instituições públicas. Continuam as discussões sobre a interferência do designer na cultura popular: descobertas de tradições esquecidas, tentativas de elevar a qualidade do artesanato: surgem iniciativas vindas de fora, de escolas de Design de outros países, sempre "de olho" no Brasil e, num sentido inverso, não querendo apenas levar o que encontram aqui, mas também trazendo experiência e tecnologia. Como fez Maurício de Nassau, o príncipe holandês, tão admirado por Aloísio Magalhães, que deixou sua marca de prosperidade e dedicação em Recife, cidade natal de nosso designer.

Em artigo de Winnie Bastian intitulado Design Solidário⁹ é descrito um projeto, originário da equipe de A Casa, envolvendo professores e estudantes holandeses de uma escola de Design. Esta equipe da *Design Academy*, de Eindhoven, Holanda, que possui em seu currículo uma disciplina Artesanato, orientada pela designer Hella Jongerius, veio ao Brasil em 2001, para tentar agregar valores, lidando com o fazer artesanal, sem descaracterizar o fazer e a alma do povo que o produz. Esta vertente do Design holandês explora o projeto semi-industrial, valoriza recursos naturais, ensina o reciclar e o usar de novo, pesquisa materiais tecnológicos e como utiliza-los em técnicas não sofisticadas, ao alcance do povo. Privilegia o "pensar simples, viver simples".

Fonte: revista ARCDDESIGN, nº 26. Foto Fernando Perelmutter




Renda de Bilro, recriada em cor preta.

Essa meta complexa de fazer revigorar a cultura popular e o artesanato de um povo mostra toda a delicadeza, humildade e boa vontade desses professores e estudantes holandeses, que propõem esta integração. Na vertente brasileira temos o SEBRAE, que vem atuando em comunidades, sejam urbanas ou agrárias, com a ajuda de designers brasileiros, capazes de entender o significado deste projeto, capazes de introduzir no mercado, e fazer escoar, esta produção revigorada pela inventividade de nosso homem simples. Brasileiros e holandeses estão criando um universo de objetos feitos com quase nenhuma tecnologia, mas com valor agregado. Madeira laminada, renda, papel reciclado, fibras, capim, barro, pano de fuxico, invenção brasileira.

Emanuel Araújo¹⁰, no catálogo da exposição Brasil +500, diz:

"essa mão brasileira, essa alma brasileira de muitas cores e de muitas origens, que impregna com sua força a criação popular nesse imenso país".

Assim vai se cumprindo a meta de Aloísio Magalhães, mesmo depois de sua morte: uma das batalhas levadas adiante por ele era fazer com que o brasileiro se preocupasse com o conhecimento da própria cultura. Esse é um legado e uma importante missão para nós deixados pelo designer Aloísio Magalhães. 

Bibliografia

- BASTIAN, Winnie. *Design solidário*, in ArcDesign. São Paulo, Quadrifoglio, 2002
- ESTRADA, Maria Helena. *Pode o designer interferir na cultura popular?* in ArcDesign. São Paulo, Quadrifoglio, 2002
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O Patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro, UFRJ/IPHAN, 1997.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, LTC, 1989.
- MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo?* A questão dos bens culturais no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira/Fundação Roberto Marinho, 1997.
- Boletins da Secretaria de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional e Fundação pró-Memória/SPHAN-pró-Memória, nºs 7 e 9.

Notas

Este artigo é a forma ampliada de comunicação por mim feita no 9º Encontro do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, da Escola de Belas Artes da UFRJ, PPGAV/EBA em 2002, no Museu Nacional de Belas Artes, RJ.

1. Em depoimento de Clara Alvim a mim concedido no Rio de Janeiro em 1º de julho de 2003, sobre seu trabalho com Aloísio Magalhães no CNRC.
2. MAGALHÃES, Aloísio. *E Triunfo?* A questão dos bens culturais no Brasil. (1997, p.179).
3. idem, (1997, p.181).
4. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. (1989, p. 143)
5. Este livro, *O reinado da Lua*, escultores populares do nordeste, foi escrito por Sílvia Coimbra, Flávia Duarte e Maria Letícia, e publicado pela editora Salamandra, Rio de Janeiro, RJ, em 1980.
6. Em entrevista a mim concedida em Olinda, PE, onde Sílvia Coimbra reside, em 11 de fevereiro de 2003.
7. Palavras da profa. Rosza Vel Zoladz, membro da banca examinadora da dissertação de mestrado de Marcelo Simão Vasconcelos, em 2002, no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Belas Artes da UFRJ, PPGAV/EBA.
8. Neste lugar ele fundou o "Museu ao Ar Livre", onde estão representados as atividades agro-industriais da região e os artefatos para isso empregados
9. Artigo de Winnie Bastian no periódico ArcDesign, nº 23 (2002, p.27,31).
10. idem. (2002, 24).